

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 4

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 4 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-81-9
DOI 10.22533/at.ed.819181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “ *A Produção do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na educação.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia educacional, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com educação, vivência, cultura e relações sociais. A importância dos estudos geográficos educacionais é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

GEOGRÁFIA E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 1	1
PENSAR AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS É PENSAR O ENSINO E O CURRÍCULO DA GEOGRAFIA	
Victor Hugo Nedel Oliveira Miriam Pires Corrêa de Lacerda Andreia Mendes dos Santos	
CAPÍTULO 2	16
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O LIVRO DIDÁTICO, O LUGAR E O MUNDO	
Marcos Aurélio Gomes da Silva Armstrong Miranda Evangelista	
CAPÍTULO 3	28
FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA: A IMPORTÂNCIA DO USO DO ATLAS ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Reginaldo Firmo Júnior Raul Reis Amorim	
CAPÍTULO 4	35
PRÉ - VESTIBULARES POPULARES: CURRÍCULO E ENSINO DE GEOGRAFIA EM DISPUTA.	
André Tinoco de Vasconcelos	
CAPÍTULO 5	43
A CONSTRUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE PÓS- GRADUAÇÃO	
Adilson Tadeu Basquerote Silva Eduardo Pimentel Menezes Rosemy Da Silva Nascimento	
CAPÍTULO 6	53
A VISIBILIDADE DAS TEORIAS RACISTAS NOS CONTEÚDOS DA ÁFRICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO PÓS LEI 10.639/03.	
Waldnely Gusmão da Silva Amélia Regina Batista Nogueira	
CAPÍTULO 7	60
VIVENCIANDO EXPERIÊNCIAS DESENVOLVIDAS COM A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Denise Wildner Theves Nestor André Kaercher	
CAPÍTULO 8	69
CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS DA II PNERA (1998-2011)	
Rodrigo Simão Camacho	

CAPÍTULO 9	82
CURRÍCULO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: ORIENTAÇÕES CURRICULARES E EDUCOPÉDIA NA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO	
Renata Bernardo Andrade	
CAPÍTULO 10	96
MOBILIDADE ESPACIAL E OPORTUNIDADES EDUCACIONAIS: ANALISANDO A PENDULARIDADE DOS ESTUDANTES NO NORTE FLUMINENSE	
Jéssica Monteiro da Silva Tavares Elzira Lúcia de Oliveira	
CAPÍTULO 11	111
O CONTEXTO INTERDISCIPLINAR NO ESTUDO DOS MAPAS: PROPOSTA DO CURSO DE CARTOGRAFIA ESCOLAR NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	
Vânia Lúcia Costa Alves Souza Cristina Maria Costa Leite	
CAPÍTULO 12	121
EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PERSPECTIVA DE ANÁLISE: DESTINO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS PRODUZIDOS PELOS MORADORES DAS CASAS FLUTUANTES DO LAGO DE TEFÉ E IGARAPÉ XIDARINI-TEFÉ-AM	
Elklândia Gomes da Silveira Eubia Andréa Rodrigues	
CAPÍTULO 13	132
A LINGUAGEM DO CINEMA NA GEOGRAFIA OU A GEOGRAFIA NA LINGUAGEM DO CINEMA? DISCUSSÕES E CONCEITUAÇÕES DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA NO ENSINO DA CATEGORIA FRONTEIRA EM SALA DE AULA	
Daniel Moreira de Souza	
CAPÍTULO 14	143
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O USO DO GEOPROCESSAMENTO	
Laira Cristina da Silva João Henrique Santana Stacciarini	
CAPÍTULO 15	152
JEAN PIAGET E EDGAR MORIN FRAGMENTANDO O PENSAMENTO LINEAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CARTOGRAFICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA	
Paulo Roberto Florêncio de Abreu e Silva Antonio Carlos Castrogiovanni Ijaciara Barros de Abreu	
SOBRE A ORGANIZADORA	161

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): O LIVRO DIDÁTICO, O LUGAR E O MUNDO

Marcos Aurélio Gomes da Silva

Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí.
E-mail de contato: marcosgsgeo@gmail.com

Armstrong Miranda Evangelista

Docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí.
E-mail de contato: armstrong@ufpi.edu.br
Teresina

RESUMO: O livro didático, apesar das críticas que recebe por muitos especialistas da educação, continua exercendo um papel fundamental em sala de aula. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a dependência do livro-texto aumenta em função da precariedade de recursos que caracteriza o ensino público em termos gerais. Diante dessa condição o objetivo da pesquisa em tela, de cunho documental e pautada no método qualitativo, foi o de analisar o livro didático de Geografia, adotado nas escolas públicas estaduais de Teresina (PI), no que diz respeito ao uso da relação entre a escala do lugar e a escala do mundo como forma de abordagem de conteúdo. O estudo procura destacar a importância que tem essa forma de abordagem para a formação de um sujeito mais consciente da influência mútua estabelecida entre os fenômenos socioespaciais de escala local e os que se manifestam em nível de

abrangência mundial.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Livro didático. Local. Global.

ABSTRACT: The textbook, despite criticism from many education specialists, continues to play an important role in the classroom. In Education for Young People and Adults (EJA), the textbook dependence increases due to the precarious resources that characterize the public education in general terms. In view of this condition, the purpose of the research, documented and based on the qualitative method, was to analyze the Geography book, used in the state public schools of Teresina (PI), concerning the use of the relation between the scale of the local place and the scale of the world as a way of addressing the content. The study seeks to highlight the importance of this way of approach to the formation of an individual more aware of the mutual influence established between the socio-spatial phenomena of local scale and those that are manifested at a global level.

KEY-WORDS: Education for Young People and Adults; textbook; local; global

INTRODUÇÃO

A intenção primordial de fazer uma pesquisa relacionada ao conteúdo do livro

didático de Geografia da Educação de Jovens e Adultos se fundamenta na necessidade de discussão da forma de abordagem dos conteúdos veiculados por esse recurso escolar. Partiu-se aqui do pressuposto de que o livro-texto ainda é uma ferramenta bastante utilizada, principalmente diante das condições de ensino e de aprendizagem na escola pública. Por isso, apesar das críticas, há especialistas no assunto que veem no livro didático uma das poucas alternativas de referencial teórico disponível para professores e alunos em sala de aula. Pode-se afirmar, baseado em quase três décadas de experiência profissional na área em questão, que na EJA essa realidade torna-se ainda mais ordinária.

Assim, o que queremos a partir destas constatações é analisar até que ponto o livro didático assume o compromisso de ser uma referência imbuída do propósito de fazer o jovem e o adulto compreenderem temas da Geografia, correlacionando os fenômenos locais com os que possuem abrangência global. Isto é, pretende-se saber se os manuais da disciplina estão estruturados para oferecer uma leitura crítica do espaço geográfico considerando as interações existentes entre o cotidiano do lugar (a rua, o bairro ou a cidade) e os fenômenos que se manifestam em nível de mundo.

Para alcançar estes objetivos, em um primeiro momento do presente trabalho discute-se a problemática do livro didático, as críticas que recebe em função do fato de muitas vezes ser o único referencial teórico utilizado pelo professor, de sua limitação como recurso pedagógico, ou da carga ideológica que pode conter. Porém, o que se pretende destacar são os argumentos a seu favor, como ferramenta básica no ensino para a EJA, sobretudo quando se leva em conta a situação de carência material, técnica e profissional do ensino público brasileiro. Neste caso, o livro didático assume o papel de ser o principal mediador do conhecimento, por vezes a única fonte de consulta para alunos e professores.

No momento seguinte, reúnem-se algumas considerações sobre o conceito de lugar e sua relação com o mundo. A ideia nessa seção é enfatizar a importância dessa categoria geográfica para a compreensão dos fenômenos que se desenrolam no espaço de vivência do sujeito-aluno, mas que resultam de fatores de abrangência mundial. À luz das teorias de autores contemporâneos, principalmente as contribuições marxista e humanista, o estudo do lugar e a relação que tem com o mundo serviu de base para justificar sua necessária abordagem no livro-texto de Geografia da EJA.

No terceiro e último momento, verifica-se se nas coleções adotadas nas escolas públicas estaduais do município de Teresina, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), os conteúdos estão estruturados no sentido de garantir a relação local-global e vice-versa, dependendo do assunto abordado, ou se tratam os fenômenos socioespaciais de forma isolada, desconexas em termos de abrangências escalares, dificultando assim a compreensão da dinâmica do espaço geográfico em sua totalidade.

O percurso metodológico que adotamos no presente trabalho baseou-se na descrição/análise do objeto de estudo (o livro didático), mas com o propósito maior de fazer a apreciação de sua mensagem textual e do direcionamento dado ao seu conteúdo.

Trata-se de uma pesquisa essencialmente bibliográfica, documental e qualitativa, uma vez que foca o interesse no campo do significado dos fenômenos analisados, não havendo preocupação imediata com aspectos quantificáveis ou mensuráveis destes fenômenos. A coleção escolhida para análise foi a de Joyce Marins Araújo Santo e Sandra Belini (2009) por ser a adotada em toda rede pública do estado do Piauí, no segundo seguimento, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos nos últimos três anos.

DESENVOLVIMENTO

Não é pretensão de se discutir exaustivamente neste trabalho os méritos ou problemas do livro didático como recurso escolar. Sabe-se que são bastante contundentes as críticas que os manuais didáticos sofrem daqueles que não admitem sua utilização como única referência de consulta, leitura e estudo dos conteúdos que vão compor a base teórica do ensino de quaisquer disciplinas. Do problema da sobreposição da teoria sobre a prática, passando pela acusação de que tende a inculcar valores duvidosos, até a suspeita que apresenta um conteúdo político-ideológico posto em conluio com os interesses de uma classe dominante (FARIA, 1984), o livro-texto é considerado por muitos estudiosos uma opção equivocada. Neves (2002), por exemplo, elenca uma série de problemas identificados por ela em uma pesquisa que realizou envolvendo esse recurso didático. Apesar de seu estudo ter se direcionado ao campo da Gramática, pode-se reconhecer que muitos problemas por ela apontados (confusão mental de critérios, inadequação de nível, sobrecarga de teorização, preocupação excessiva com definições, gratuidade de ilustrações etc.), são perfeitamente encontrados em manuais de outras disciplinas. Porém, a mesma autora tem o cuidado de não transferir toda a responsabilidade do fracasso escolar automaticamente ao livro didático em si, pois leva em conta a importância do trabalho do professor no processo de leitura e interpretação destes tipos de textos.

No campo de defesa ou, pelo menos, da aceitação do livro didático como importante recurso escolar, concorda-se aqui com as argumentações de alguns autores que também discutiram a questão. É o caso de Lajolo (1996), autora que destaca no livro-texto a função de transcender a simples leitura e indicar ações posteriores, tal qual ocorre com manuais de usuários perante a instalação de um aparelho doméstico, ou na elaboração de um alimento, através do uso de um livro de receitas. Neste sentido, o livro didático seria uma espécie de guia (manual) de grande interesse para quem o utiliza, e idealizado para o estudo de um determinado campo de saber, mas que, de uma forma ou de outra, sempre proporia atividades complementares ao conteúdo, exigindo, assim, uma prática posterior que vai além de uma simples leitura informativa.

Também seguem nessa mesma linha de apoio ao livro didático Castrogiovanni e Goulart (2001, p. 129), quando admitem a necessidade desse recurso “frente às atuais condições de trabalho do professor de geografia, [...] como complemento às

atividades didático-pedagógicas [...]”. Os mesmos autores salientam que o livro-texto é o recurso de ensino “mais presente em sala de aula [...], a voz principal do ensino” (2001, p. 141) e, para muitos professores, uma fonte de informações atualizadas e relativamente seguras.

Então, nesse contexto de carências materiais, da má formação e das más condições de trabalho dos educadores (GOMES *et al*, 1994), o uso do livro didático de Geografia, salvo raríssimas exceções, se revela como um recurso mais importante de leitura e estudo direcionados efetivamente ao conhecimento específico da disciplina.

É com base nessa importância que têm os manuais didáticos no processo de ensino e aprendizagem que se pretende produzir um diagnóstico sobre o conteúdo do livro didático adotado na EJA, verificando sua forma de abordagem, no que diz respeito à articulação existente ou não entre os fatos geográficos do lugar e aqueles que se manifestam em nível de mundo.

Considerações sobre o conceito de lugar e sua relação com o mundo

Considerou-se importante neste trabalho definir que sentido ou noção de lugar seria adotado como base teórica para análise em tela. Tratando-se de um conceito-chave da Geografia, situado mesmo na base epistemológica desta ciência, o conceito de lugar já foi alvo de debate das mais variadas correntes de pensamento geográfico. Atualmente, é objeto de discussão principalmente no âmbito da Geografia Humanista, a partir dos princípios da fenomenologia e do existencialismo.

À luz dessas filosofias, o conceito de lugar assumiu destaque certamente por se apresentar como parte íntima do espaço, o ambiente de afetividades, de vivências e experiências do sujeito com seu meio. Ferreira reforça essa ideia quando explica que “o lugar torna-se realidade [...] a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser definido através de imagens precisa, limitada” (2000, p. 67). Assim, “lugar se distingue de espaço”, afirma Ferreira (2002), com base na teoria de Yi-Fu Tuan, e acrescenta, citando o referido autor, que “este [o espaço] transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o adotamos de valor, adquirindo definição e significado” (TUAN *apud* FERREIRA, 1983, p. 6).

Relph (2012, p. 27), em suas argumentações sobre o conceito de lugar, deixa clara a importância de se considerar à relação existente os indivíduos/sociedades e o mundo. Diz ainda que “essa relação tem potencial para ser ao mesmo tempo profundamente responsável e transformadora”. Esse autor considera o lugar como espaço de confluência de experiências cotidianas, mas de alguma forma abertas ao mundo. “Lugar é um microcosmos. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco” (RELPH, 2012, p. 31).

Geógrafos marxistas contemporâneos também demonstram preocupação com o conceito de Lugar. A propósito do tema, Carlos (1996, p. 19-20) explica a dupla análise que se pode fazer do lugar, ou seja, como resultante de fatores externos (vindos de fora) e, ao mesmo tempo, como espaço definido a partir da “densidade técnica, a

densidade informacional/comunicacional e densidade normativa” [...]. A autora defende também a importância da dimensão histórica no que diz respeito às práticas cotidianas. Para ela, há um vínculo histórico entre o “de fora” e o “de dentro” que participa do desenvolvimento da vida do lugar de um modo geral (cultura, hábitos, tradições), mas que sofre a influência do processo de constituição do mundo. O conceito de lugar se liga, portanto, às ações do dia a dia num espaço bem próximo das pessoas. Dar-se em um espaço conhecido, vivido, presenciado, mas que não deixa de ter uma história de construção coletiva e que se relaciona a outros espaços próximos ou mais distantes, em interação com o planeta, por força das circunstâncias do mercado e das técnicas de comunicação.

Corroborando a ideia de relação entre lugar e mundo, Santos (2006, p. 213) afirma que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. Na visão do autor, o lugar se comunga com o mundo, mas ao mesmo tempo torna-se diferente dos demais, por conta do aumento de sua individualidade. O lugar seria referência do pragmatismo global, mas também do comportamento sociocultural e interpessoal complexos, mediados pelo trabalho, pela técnica, gerando singularidades locais.

O conceito de lugar, em Santos (2006, p. 322), transcende o espaço vivido mais restrito apresentado na leitura da Geografia Humanista, uma vez que ele usa a mesma terminologia – lugar – para referir-se à cidade como um todo ou até mesmo a uma metrópole. Diz o autor que “há lugares globais simples e lugares globais complexos”. Estes últimos corresponderiam às metrópoles. Em sua teoria fica bastante clara a relação dos fenômenos que se desenrolam em nível de lugar e aqueles que abrangem escalas de mundo.

Assim, o que se pretende enfatizar aqui é que o local e global se articulam. Se o espaço mais próximo de nós nos condiciona a um certo modo de vida, se nos enquadra em relações estáveis, históricas e culturais, é ele também que nos impõe os óculos através dos quais enxergamos e interpretamos o mundo. No atual estágio de desenvolvimento técnico-informacional, a rua, o bairro, ou a cidade são recortes espaciais definidos ora pelas afinidades, necessidades e sentimentalidades humanas, ora pelo caráter pragmático de um mundo regido pelas leis do mercado (produção, consumo, acumulação, tendências, modismos, divisão do trabalho, investimentos, concorrência externa etc.).

O lugar é o espaço da vida, das experiências cotidianas, mas pode estar também associado, em primeira instância, a uma localização relativa dentro do padrão global de acumulação de capital, e perder importância frente a uma nova reestruturação das relações espaço-tempo (FERREIRA, 2012). Vale dizer que diante da lógica do capital mundializado (mobilidade, flexibilidade, fluidez) lugares prosperam, outros perdem hegemonia, ou mesmo desaparecem.

Pode-se apontar como outra característica do lugar a sua inevitável ligação com outros lugares. Aqui destaca-se o papel das redes de comunicação e de transporte que, no mundo globalizado, são a condição *sine qua non* para a circulação mais

eficiente de informações, pessoas, mercadorias, serviços e ideias. Não somente as redes físicas (rodovias, ferrovias, hidrovias, aerovias), mas também as redes virtuais (infovias), sobretudo hoje, determinam o grau de importância dos lugares. Na situação hodierna em que a velocidade dos fluxos parece eliminar o tempo, “cada vez mais o local se constitui na sua relação com o mundial. Nesse novo contexto o lugar se redefine pelo estabelecimento e/ou aprofundamento de suas relações numa rede de lugares” (CARLOS, 1996, p. 29). O principal desse discurso é compreender que os lugares de maneira geral não estão isolados, pois se configuram como elos das redes de circulação do sistema de produção e reprodução do capital internacional.

A discussão feita aqui sobre o conceito de lugar e sua relação com os fenômenos globais se mostrou necessária para que se tornasse evidente a importância de se considerar o ponto de vista local no estudo das questões geográficas de amplitude geral. Parece ter ficado clara a relação entre fenômenos locais, que se desenrolam a partir do nível do lugar, e os fenômenos globais, que possuem um nível de abrangência que transcendem a escala de lugar, mas que sem dúvidas afetam a vida cotidiana das pessoas em sua rua, em seu bairro ou em sua cidade.

O passo seguinte é verificar se nas obras selecionadas para análise os conteúdos apontam no sentido de estabelecer tais relações, ou se tratam os fatos e fenômenos geográficos globais de forma a não considerar seus desdobramentos em nível de lugar, e vice-versa. Assim, a partir da análise do *corpus* selecionado, duas coleções direcionadas para a EJA, procurou-se destacar as passagens em que o conteúdo apresentou marcante ausência de articulação local-global, ou perdeu a oportunidade de fazê-la conforme a importância do tema.

Análise do conteúdo do livro didático adotado para EJA no estado do Piauí

É muito comum alguns autores de livro didático de Geografia da Educação Básica iniciarem o conteúdo de suas coleções abordando alguns aspectos conceituais da ciência. Acreditam, assim, na estratégia de apresentar logo no início dos estudos os conceitos-chave da disciplina, embora tenhamos a convicção de que a melhor forma seria a de subsumir e utilizar os conceitos básicos ao longo dos capítulos, correlacionando-os diretamente ao tema destes. Contudo, a estrutura mais comum não adota essa forma de abordagem que, no nosso entendimento, conduziria a uma melhor compreensão dos assuntos, ao mesmo tempo em que daria a cada tema o caráter de espacialidade próprio da investigação geográfica, ou seja, aquele olhar valorizador da ação social verificada no espaço e imprimida nele (GOULART, 2011).

Na coleção de Santos e Beline (2009), a regra de separar os conceitos-chave num capítulo inicial, permanece. Logo no começo da obra são discutidos os conceitos de lugar, espaço geográfico e paisagem (p. 257-258). Apesar dos autores tentarem dá uma conotação social aos conceitos – o que é de se esperar de um texto crítico, como preconizam os autores na apresentação do livro – o que se observa é uma ligeira ambivalência entre os conceitos de lugar e espaço. Além disso, o conceito de

paisagem restringe-se à noção do que é apreendido pela visão.

Considerando o lugar como “a porção do espaço terrestre onde os seres humanos vivem seu cotidiano” (SANTOS; BELINE, 2009, p. 257-258); e espaço geográfico, como “lugares transformados pelos seres humanos”, esses autores, tratam a questão de forma dissociada e deixam de discutir a relação entre a escala local, de experiências cotidianas (o lugar), e uma outra de natureza mais geral (o espaço mundial). O interessante é que no mesmo capítulo (p. 260), visualize-se a figura de uma mão segurando o orbe, sob o título: “O melhor lugar do mundo é aqui”, colocado próximo a uma atividade que pouco se relaciona com a imagem, sem questionamentos sobre seu significado.

Nos itens seguintes, os autores do livro-texto seguem discorrendo sobre as definições de espaço geográfico e paisagem. Com o intuito de evidenciar a importância desses conceitos, os autores apresentam o exemplo da paisagem urbana (p. 263). Descrevem as transformações ocorridas no campo com o processo de modernização/industrialização da lavoura. Mostram, a bem da verdade, a moderna relação do meio urbano com o rural, porém nada se fala sobre a influência do capital externo que comanda a agroindústria, e determina o tipo de alimento que se consome em casa, seu preço e qualidade. Acreditamos que essa discussão valorizaria o entendimento, por um viés mais crítico, da relação dialética entre o lugar e o mundo.

No capítulo referente ao uso dos mapas (cap. 04), os autores seguem o roteiro tradicional de abordagem. Iniciam com uma rápida explanação histórica sobre a Cartografia. Em seguida, descrevem alguns elementos básicos de interpretação dos mapas, com destaque para a escala. O primeiro mapa apresentado é um mapa-múndi atual, ao lado de imagens de cartas antigas, seguidos de representações regionais em páginas seguintes (p. 288-291). O objetivo deste item parece ser o de exercitar o aluno na localização de grandes áreas (países, estados) e no cálculo de distâncias a partir de algumas cidades. Aliás, as cidades, embora apareçam nos mapas, só são utilizadas para a representação de relações em rede, no contexto da escala nacional, em um mapa dedicado aos transportes (p. 299). Mesmo para um livro de Ensino Fundamental, não se justifica atualmente ignorar as intensas relações internacionais viabilizadas não só através dos elementos tradicionais físicos (estradas, cabos de transmissão, veículos), mas também pelas chamadas infovias, os caminhos virtuais, que utilizam os mais modernos recursos da tecnologia informacional (não mencionados no livro), para transportar mensagens, dados, ordens, imagens e ideias. Perde-se, desta forma, a oportunidade de utilizar o mapa para evidenciar essas relações entre lugares próximos e distantes.

No mesmo capítulo, o mundo volta a ser estudado, desta vez por força da necessidade do estudo das coordenadas geográficas, dos paralelos e dos meridianos (p. 302-305). Se há neste caso um objetivo prático de localizar lugares, estes surgem como pontos inativos representados quase sempre por letras ou números. Do mundo (uma área total) para o lugar (um ponto), a relação local-global (e vice-versa) fica

assim também comprometida pela falta do aspecto relacional.

Por sua vez, o estudo dos fenômenos ambientais perpassa quase todo o segundo volume da coleção de Santos e Beline (2009). Uma figura colocada na segunda página (p. 238) do primeiro capítulo – a Terra envolta em ataduras e circundada por medicamentos –, já nos dá uma ideia da escala de abordagem que os autores pretendem utilizar no livro. A partir daí fenômenos como o efeito estufa, camada de ozônio e a questão da água ganham destaque (p. 239-264). Com efeito, trata-se aí de fenômenos de abrangência global, mas de reflexos ou consequências locais. No entanto, textos e atividades do livro não articulam as possíveis reações que o aquecimento global ou a destruição da camada de ozônio podem provocar em escalas reduzidas como as dos microclimas urbanos. No sentido inverso, há também silêncio quanto aos lugares do mundo tidos como os grandes responsáveis pelos problemas ambientais atmosféricos que repercutem em escala global. Malgrado essa possibilidade, o observado é que as consequências apontadas pelos autores se referem sempre a fenômenos de escala mundial. O fator local passa, assim, despercebido.

Exceção a esse procedimento geral, podemos identificar o item que trata da questão da água (item 2, cap. 3). Embora no corpo principal do texto a abordagem continue privilegiando a escala global ou a regional, algumas questões de exercícios (cap. 2, p. 259) dizem respeito à utilização dos recursos hídricos pelas pessoas, no entorno de suas casas, bem como indagam as condições de uso destes pela comunidade local. Mesmo assim, os autores poderiam ter chamado a atenção para o fato de que o desperdício e mal-uso local pode causar, ao longo do tempo, problemas globais.

Na sequência do livro, ao criticar o problema do lixo urbano (cap. 3, p. 277) a obra perde novamente a oportunidade de correlacionar os fatores locais (produção e destino) com o papel das corporações transnacionais que incentivam o consumo ao propagar e propagandear valores capitalistas, as tendências de consumo e a moda, utilizando a mídia internacional para atingir seus objetivos.

Talvez um dos temas que mais demonstre a relação entre a cultura global e a cultura local, seja o das migrações. Apelando para os processos históricos (imigrantes do século 18 e 19), ou mesmo constatando a situação do presente (refugiados), esse fenômeno revela-se, ao lado das telecomunicações mundiais, um dos grandes responsáveis pela globalização econômico-cultural, pela diversidade cultural das regiões. Neste aspecto, no item “Causas e consequências da imigração” (cap. 1, vo. 3), os autores do livro didático em questão discorrem bem sobre o tema. Mostram com certa clareza a relação entre as desigualdades internacionais e os movimentos migratórios; as lutas e as resistências racistas (xenofobia). O que faltou enfatizar foi justamente o caráter singular das cidades fundadas pelos imigrantes; suas particularidades culturais (valores, costumes, crenças); sua importância local enquanto fatores que resultaram na construção de um determinado espaço, de um lugar. No Brasil, o que não faltam são exemplos de lugares (cidades, bairros) onde a vida do imigrante imprimiu sua

cultura no ambiente social e no próprio espaço.

No capítulo seguinte (cap. 2), o tema passa a ser a urbanização – basicamente a brasileira –, destacando os conceitos básicos de metrópole, conurbação e regiões metropolitanas (p. 288). O problema é que, embora comentando bem os efeitos de uma urbanização anômala e geradora de desigualdades sociais e espaciais locais (p. 289), o texto, limitando-se ao caso brasileiro, deixa de enfatizar o importante aspecto da influência das chamadas cidades globais – os grandes centros de comando político e econômico do mundo contemporâneo – no destino até das menores cidades.

Com o propósito de abordar o tema “Paz x Conflitos” (título do cap. 4, vol. 3), Santos e Beline (2009) tentam conscientizar o leitor do texto sobre os motivos primordiais da guerra. No item “Há motivos para guerra?” (p. 308), apontam “a busca por acumulação de riqueza, a ambição por ampliar territórios e poder, a intolerância, e o desrespeito às diferenças de etnia, religião e cultura entre as pessoas” (Santos; Beline, 2009, p. 308), como causas históricas dos conflitos bélicos. Defendem o meio diplomático para se evitar o uso da força e da opressão, e alertam para o fato de que

[...] a indústria e o comércio de armas em todo mundo têm crescido gerado a concorrência entre as grandes potências mundiais, estimulando os países pobres a investirem em tecnologia bélica da indústria e do comércio de armas, desviando recursos de áreas essenciais para a sua população.

Apesar dos autores ainda mencionarem a questão dos armamentos que chegam às mãos de gangues e grupos guerrilheiros, poderiam adentrar mais nos efeitos que as guerras mundiais provocam no interior das cidades. Da destruição de infraestruturas e de outros objetos criados pelo homem, às inúmeras misérias sociais delas decorrentes, as guerras mundiais têm uma relação muito estreita com os lugares, em termos históricos e culturais. Muitos deles guardam para sempre as marcas de conflitos originados muitas vezes em outro continente, por uma outra sociedade e por motivos alheios às suas realidades. Sem dúvida, as grandes guerras (e tudo que a elas se relaciona) foram fenômenos globais, mas de importantes desdobramentos locais, e isso deveria ser levado mais em conta no livro didático.

Se o mundo do trabalho já não é mais o mesmo, como sugere o texto que analisamos (cap. 1, vol. 4), é demasiado importante saber que tipos de transformações ocorreram nesse campo. Nessa seção (p. 312-313), os autores preocupam-se em fazer a caracterização das modalidades de desemprego conjuntural e estrutural. Feita as devidas diferenciações, empenham-se em explicar que se trata de um fenômeno observável tanto em países pobres como em países ricos. Isto é, fala-se aqui de um fenômeno global, colocado pelos próprios autores como reflexo da crise mundial, fruto das transformações do sistema socioeconômico capitalista (leia-se, globalização). As novas tecnologias de produção e informação, que substituem mão de obra, são apontadas como a causa do desaparecimento dos empregos tradicionais em muitos setores da economia. Faz-se referência também, ao problema da ameaça que a instabilidade do emprego provoca nos direitos trabalhistas historicamente

conquistados. O fenômeno da terceirização, como alternativa viável à empresa, mas perversa ao trabalhador; e a formação de cooperativas como uma solução para certos casos, também foram alvo de discussão no texto (p. 317-318).

Tudo que foi dito até aqui está absolutamente de acordo com a leitura e o posicionamento crítico dos analistas do tema. O desemprego, independente do fator que o gerou (crise econômica ou novas tecnologias) está bastante relacionado a fatores externos, de ordem global. Ocorre que a falta de emprego ou de condições dignas de trabalho (renda, segurança, conforto, mobilidade etc.) promove uma série de anomalias sociais facilmente percebidas na vida cotidiana das pessoas, no seu local de moradia, de consumo, de produção, de lazer ou de fé. É por esse aspecto que enxergamos a oportunidade perdida pelos autores de discutir, pelo menos em linhas gerais, os impactos provocados por esses problemas perceptíveis na escala do lugar: a favelização, o aumento da criminalidade, a subnutrição, a banalização da vida, a insalubridade, dentre outros.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, no item, “Mas, afinal, como funciona a globalização?” (Cap. 3, vol. 4, p. 347-348) podemos observar uma leitura do conceito de globalização que em nenhum momento sugeriu a ideia de que esse fenômeno, apesar de comandado pela expansão mundial do Capitalismo, apresenta-se plenamente dentro de nossas casas, na nossa rua, no nosso bairro, enfim no espaço do dia a dia, das experiências cotidianas. Não é necessário irmos muito longe do nosso local de moradia para notarmos os traços da “era global”: a origem dos produtos na prateleira do mercadinho, a placa da loja em inglês, a marca do automóvel, o idioma do vizinho, a antena da internet, alguém que fala ao celular, enfim, os lugares então impregnados de objetos globais, e esse fato também valeria a pena comentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático de uma maneira geral reveste-se de uma importância ao mesmo tempo teórica e prática. Teórica no sentido de que é nele que alunos e professores vão encontrar o apoio necessário ao desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico a partir de princípios, categorias, conceitos, informações, enfim, o conteúdo relativo à matéria. Prática, porque desde a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1990, tornou-se o recurso mais utilizado em sala de aula. Sua larga utilização e funcionalidade não anula, por conseguinte, as recomendações a respeito de seu manuseio no contexto escolar, a partir da orientação de que sempre deverá ser tomado como uma ferramenta a mais dentre outras disponíveis, da forma mais eficiente, guardada suas limitações próprias, mas sendo aproveitado segundo suas potencialidades.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a dependência em relação a esse recurso didático se potencializa em função das limitações materiais, técnicas e funcionais das escolas que trabalham com essa modalidade de ensino. De uma forma

ou de outra, é ele, o livro-texto que, apesar de todas as dúvidas quanto ao seu valor didático, vai resolver, pelo menos em parte, o problema da falta de material necessário ao desenvolvimento da disciplina.

Considerada essa situação, direcionou-se o interesse para a análise do livro didático de Geografia, com o objetivo de averiguar se aquele adotado na EJA cumpre o papel de ensinar a disciplina de maneira a fazer o aluno compreender a relação existente entre os fenômenos locais e os globais, isto é, entre o seu lugar e o mundo. Fez-se necessário definir o que se entende como “lugar” e compreender sua relação com os fenômenos que ocorrem em escala mundial. Para tanto, observou-se o que autores humanistas, como Relph (2012), e marxistas, como Carlos (1996), dentre os mais citados em nosso trabalho, publicaram sobre o assunto. Os estudos de Ferreira (2002), Santos (2006) e Evangelista et al (2012) igualmente contribuíram nesse sentido. A conclusão a que se chegou que foi a de que o conceito de lugar passa a ideia de espaço das experiências cotidianas, apropriado imediatamente pelo sujeito. Mas, o lugar é também um espaço articulado com o mundo, e aí reside o aspecto mais importante de nossa argumentação em torno da relação local-global, e vice-versa.

A análise da coleção de livros didáticos de Geografia adotada na EJA nas escolas do Piauí revelou que em grande parte do conteúdo os autores negligenciaram a relação entre fenômenos locais e fenômenos globais. Notou-se uma tendência pelas abordagens gerais, pouco considerando os aspectos ligados ao lugar, escala utilizada com menos frequência na obra em questão. Acredita-se que a ausência dessa interação entre o lugar e o mundo nos estudos dos temas geográficos, compromete a visão de totalidade do espaço, isto é, dificulta a compreensão de que a vida cotidiana, ordinária, que se identifica com um espaço local, tem tudo a ver com os fenômenos que ocorrem em outros lugares, muitas vezes distantes e desconhecidos por nós. O ensino de Geografia não pode limitar-se apenas a um sentido de análise (a Geografia Geral), mas deve, sobretudo, procurar nas particularidades dos meios mais íntimos do sujeito a conexão de sua realidade com o que ocorre no mundo, com o que é determinado por forças naturais, econômicas, políticas ou culturais originadas muito além de seu lugar de moradia. Entende-se que pela abordagem aqui proposta o caminho no sentido da formação de uma consciência cidadã, não só do lugar, mas também do mundo, torna-se mais viável.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

CASTROGIOVANNI, A. C.; GOULART, L. B. A questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CASTROGIOVANNI, A. C.; KAECHER, N. A. (Orgs). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, p. 109-120, 2011.

EVANGELISTA, A. et al. **Fundamentos de Didática da Geografia**. Teresina: EDUFPI/UAPI, 2010.

FARIA, A. L. G. **Ideologia no livro didático**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1984. 94p.

FERREIRA, L. F. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, p. 65-83, jul./dez., 2002.

_____. **Iluminando o lugar**: três abordagens (Relph, Buttiner e Harvey). Boletim Goiano de Geografia – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/ Geografia, vol. 22, nº 1, jan./jun., 2002.

GOMES, C. A.; CARNIELLI, B. **Expansão do Ensino Médio: temores sobre a educação de jovens e adultos**. Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 47-69, jul./2003.

GOULART, L. B. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à aula de geografia. In: TONINI, I. M.; GOULART, L. B.; MARTINS, R. E. M. W.; CASTROGIOVANNI, A. C.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAECHER, N. A. (Orgs). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, p. 109-120, 2011.

LAJOLO, M. **Em aberto** – Livro didático: um (quase) manual de usuário. Brasília, v. 16, n. 69, Jan/ Março. 1996.

NEVES, M. H. M. O papel do livro didático no ensino da gramática. In: _____. **A gramática: História, teoria e análise ensino**. São Paulo: UNESP, 2002. p. 232-233.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RELPH, E. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: JR. et al. **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-81-9



9 788585 107819